

A PEDAGOGIA NA HISTÓRIA

por MANUEL INÁCIO FÁRIA

G valor da educação na vida progressiva das nações está bem definido nesta frase de Leibnitz: «Quem fôr o primeiro na educação será também o senhor do mundo».

Com efeito, se lançarmos um olhar retrospectivo através da História Universal, verificamos essa verdade.

Começemos por analisar os povos orientais. Nêles se distingue, como característica preponderante na finalidade educativa, o limitado desejo de transmitir aos educandos o culto exaltado pelos Deuses e a submissão cega ao imperador, considerado como o Filho do Céu. Por conseguinte, toda a acção dos educadores se restringia a perpetuar as regras e preconceitos do passado. Era uma educação simplesmente tradicionalista. Repudiava todas as inovações. A China e o Japão são os dois exemplos mais significativos do Oriente.

Como consequência disso, pouca preponderância manifestam na vida da Humanidade durante séculos. Só com as reformas nas instituições escolares, realizadas em 1868, o Japão entra numa fase de progresso, ocupando por isso mesmo hoje um lugar nivelado em relação ás grandes potências mundiais.

O povo hebreu, raça espalhada pelo mundo e tão perseguida e afrontada, deve aos seus princípios educativos que se tenha mantido até aos nossos dias o seu arreigado patriotismo e o desejo de marcar como povo eleito. Com o aparecimento de Cristo produziu-se uma profunda modificação no ensino judaico.

Na Grécia, país sublime que pôde considerar-se o pedestal de todo o edificio grandioso da Civilização, encontramos depois uma concepção um tanto perfeita de educação. A frase consagrada «mens sana in corpore sano», sintetiza bem a finalidade educativa daquêlê povo. O que no nosso tempo se pretende significar com o termo *educação integral*, não é mais do que uma concepção aperfeiçoada da educação grega. Em Atenas atende-se ao desenvolvimento físico e psíquico dos indivíduos e, embora a educação revista um aspecto aristocrático, é permitida contudo uma ampla expansão das faculdades individuais. Por isso, a Grécia apresenta nas páginas da sua História figuras de relêvo, homens valorosos que provocam a nossa admiração. Sócrates, Platão, Aristóteles e tantos outros, foram e serão sempre mestres consagrados.

E' submetendo-se aos princípios da actividade grêga, no campo educativo, artístico, científico ou religioso, que Roma

consegue tornar-se um notável império. Se bem que a directriz da vida romana seguisse em sentido oposto da do povo grêgo, pois em Roma cuidava-se mais duma educação utilitária e prática, o certo é que a civilização da Pátria de Péricles e de Alexandre exerceu sobre ela basilar influência. Mas Roma soube aproveitar essa influência para desenvolver as suas possibilidades criadoras. E tão longe elas foram, que ainda nas nossas faculdades de Direito se dá ao estudo do Direito Romano fundamental valor.

A Idade Média, considerada no seu princípio como uma época de pouco brilhantismo histórico, mostra-nos bem como da educação resulta o progresso da vida humana. O sistema do Feudalismo, valorizando os privilégios dos Senhores, cerceava ao povo e até aos nobres o direito de se instruírem. Ao povo pela falta de instituições escolares acessíveis, aos nobres porque era considerado vexatório e desnecessário adquirir instrução. A própria escrita, por ser um trabalho manual, era repudiada. Bastava a um nobre usar de boas maneiras nos salões e de valentia na guerra. Era uma educação externa, formalista.

Modificou-se bastante o ambiente geral por alturas do século XIII, com os princípios sistematizadores dos escolásticos, de que resultou o aparecimento das Universidades. Começa então a divulgar-se o saber. Reünem-se em volta dos mestres multidões de alunos. Valoriza-se a ideia de educação, embora fôsem bastante pesados os processos educativos, processos que sob a crítica dos humanistas—Easmo, Rabelais, Luís de Viveis, etc.—sofreram vantajosas alterações.

A França, nos fins da Idade Média, torna-se o centro cultural mais importante. E' por isso que ela conta um lugar de preponderância no equilibrio social do mundo. A' sua Universidade de Paris, considerada a par da de Bolonha em antiguidade (esta foi fundada em 1111), acorreram, de todos os pontos da Europa, jóven desejosos de saber. Passou, então, a ser moda «ter um mestre francês em casa». Ser formado pela Universidade de Paris, constituia o melhor título de recomendação social.

As Universidades e escolas multiplicaram-se a seguir, a cultura desenvolveu-se e o panorama social modificou-se.

O Renascimento foi uma obra de cultura profunda e decisiva, perante o tradicionalismo insufficiente da Idade Média. Deu á educação do homem um aspecto

mais atraente, abriu novos horizontes á vida. A influência dos *humanistas* estendeu-se aos próprios govêrnos, cujos chefes buscavam o auxilio daquêles na redacção de cartas, discursos e orações, trabalhos que eram inspirados nas obras antigas. Volta a ser preconizada a teoria grêga do desenvolvimento integral dos seres humanos. Revive-se a cultura helênica. A mulher colabora também no humanismo. Em Portugal, Camões simboliza bem toda a pleiade dos nossos humanistas.

No século XVI veio a Reforma provocar importantes modificações na actividade humana. Na Pedagogia faz-se sentir também a sua influência. Valoriza-se a instrução, aponta-se a escola como o melhor meio educativo, por se reconhecer falta de preparação pedagógica nos pais. Preconiza-se para a escola um ambiente de igualdade e de livre exame.

Na Contra-Reforma, é ainda pela acção educativa que os jesuitas pretendem impedir o desenvolvimento das ideias do luteranismo. Para isso multiplicam-se os estabelecimentos de ensino, dirigindo-os sob um aspecto tendente a conseguir numerosa frequência.

Aparece Comênio em fins do século XVI com os seus princípios revestidos de um carácter *psicológico* e que dão á *Pedagogia* um aspecto *científico*.

Nas ideias de Comênio se inspiraram depois Locke, Rousseau e alguns mais, de cujos trabalhos resultaram interessantes conceitos.

Os direitos da criança, instituídos mais tarde, constituem a mais bela conquista do progresso. A iniciativa, a personalidade infantil, impõe-se ao respeito do pedagogo e, indirectamente, ao da sociedade.

O estudo da criança; como preconizou Rousseau, tornou-se o princípio máximo a atender na obra educativa. Propõe-se que o ensino se dirija ás tendências dos educandos consoante elas se vão definindo. Surge a ideia do ensino por medida da educação progressiva. Pela interpretação sistematizada das teorias conhecidas, chegou-se ao conceito do *método activo*, considerado hoje como o melhor meio de conseguir-se a educação integral das juventudes.

Decroly, Montessori, Ferrière, Faria de Vasconcelos e outros transportaram, no nosso tempo para o campo das realidades, com os melhores resultados, este sistema.

Os efeitos dos seus esforços vão-se fazendo sentir em muitos países. E' de esperar valiosas consequências desta renovação pedagógica.